

ELISÂNGELA DE JESUS SANTOS

**PROTAGONISMO DE MULHERES NEGRAS: TRABALHO,
SERVIÇO SOCIAL E SAÚDE MENTAL NA
CONTEMPORANEIDADE**

Relatório de Pós-doutorado realizado na
Universidade Estadual Paulista “Júlio de
Mesquita Filho” (UNESP), Faculdade de
Ciências Humanas e Sociais do campus
de Franca

Supervisor: Prof. Dr. Dagoberto José
Fonseca

PROGRAMA DE PÓS-DOCTORADO DA UNESP

Chamada Pública para Seleção de Pós-Doutorandos e Ações Afirmativas no Edital
PROPG/PROPe 06/2024.

Franca
2025

RESUMO

Este projeto de pesquisa de pós-doutorado em Serviço Social, propõe uma etnografia do protagonismo intelectual e político de mulheres negras a partir da produção estética e metodológica na cena teatral contemporânea. Partindo de instrumentos fornecidos pelo Teatro do Oprimido (TO) fundado por Augusto Boal (1931-2009), sua aplicação e continuidade no trabalho realizado por Bárbara Santos e Cláudia Simone dos Santos Oliveira que desembocaram no Teatro das Oprimidas, abordaremos a metodologia das escrevivências pretas cênicas forjada por Cláudia Simone, para especificar as diferentes formas opressivas vivenciadas por mulheres negras sem culpabilização das vítimas, nem individualização dos conflitos enfrentados (SANTOS, 2019). Com base nos pressupostos do feminismo negro contemporâneo, a pesquisa busca identificar, explicitar e analisar as formas pelas quais mulheres negras têm produzido novos sentidos estéticos para ressignificar e subverter imagens de controle (hooks, COLLINS, 2019) que resultam em adoecimento psíquico. A produção estética como escrevivência preta cênica constitui epistemologia que fortalece subjetividades e materializa representações inéditas sobre cor/pos, relações de trabalho e saúde na contemporaneidade. O objetivo principal é compreender como as escrevivências pretas cênicas têm sido aprimoradas como espaço seguro para as diferentes formas de vivência do autocuidado e de autodefinição (COLLINS, 2019) de mulheres negras com potencial de realização profissional, constituindo movimento de mulheres da classe trabalhadora organizado para pautar diretrizes interdisciplinares entre diferentes campos do conhecimento: serviço social, artes e saúde mental sob prisma interseccional de gênero, raça e classe.

Palavras chaves: escrevivência preta-cênica; feminismo negro; saúde mental; relações de trabalho; relações étnico-raciais; cuidado colonial

1. INTRODUÇÃO

Com base em nossa proposta de Pesquisa de Pós-Doutorado intitulado "Protagonismo de mulheres negras: trabalho, serviço social e saúde mental na contemporaneidade", apresentado à Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), Faculdade de Ciências Humanas e Sociais do campus de Franca apresentamos este Relatório circunstanciado de Pesquisa em cumprimento às exigências do Programa UNESP de Pós-Doutorado e da Chamada Pública para Seleção de Pós-Doutorandos e Ações Afirmativas no Edital PROPG/PROPe 06/2024.

A pesquisa está baseada no método etnográfico, aliando a trajetória da pesquisadora com sua formação em Antropologia para ampliar suas abordagens e práticas nas Ciências Sociais para o âmbito das Ciências Sociais Aplicadas, especialmente o Serviço Social. Neste sentido, a pesquisa consiste na busca e análise das formas pelas quais mulheres negras que têm se fortalecido a partir de experiências no que tem sido reconhecido como Teatro das Oprimidas vivenciado e praticado enquanto estética política de escrevivências pretas-cênicas, conceito cunhado por Cláudia Simone dos Santos Oliveira, atriz, performer e Kuringa do Teatro do Oprimido (TO) e do Teatro das Oprimidas, principal interlocutora desta etnografia, a partir do que tem sido realizado por Conceição Evaristo no âmbito da Literatura contemporânea e por Bárbara Santos no campo artístico-cênico.

Encenando e criando estéticas e poéticas cênicas tendo como ponto de partida as vivências sociais nas quais diferentes formas de opressão as atingem sistematicamente mulheres negras, tais como Cláudia Simone, têm focado na produção cênico-teatral enquanto esfera de protagonismo político ao mesmo tempo em que buscam revelar, problematizar e fortalecer relações em que sejam contempladas suas próprias formas de narrar a realidade e a si próprias enquanto possibilidades de promoção de espaços seguros para si mesmas e suas próximas, bem como de autocuidado sob prisma da saúde mental como estratégias de luta epistêmica e política no enfrentamento às imagens de controle racistas e sexistas, dentre outras formas opressivas e opressoras de situar pessoas, e especialmente mulheres negras, naquilo que

Frantz Fanon (2008) e Sueli Carneiro (2023) delinearam como “esfera do não-ser”.

De acordo com o que aponta Patrícia Hill Collins (2019), opressão é um termo que designa qualquer situação injusta em que um grupo social nega a outro, de maneira sistemática e prolongada, o acesso aos recursos da sociedade. Historicamente, as relações sociais vivenciadas pelas mulheres negras são forjadas na convergência das opressões de raça, classe e gênero, características dos contextos históricos estruturados pelo escravismo. O Teatro das Oprimidas e especialmente a prática teórico-conceitual crítica das escrevivências preta-cênicas, tem sido uma esfera importante de enfrentamento dessas diferentes formas opressivas que atravessam o cor/po e as subjetividades de mulheres negras. Na busca de sua autopreservação, autossuficiência e autocuidado, acabam por construir “espaços seguros” de vivência e protagonismo político antirracista e antisexista, num franco enfrentamento coletivo à essas imagens de controle (COLLINS, hooks, 2019).

Ainda segundo Hill Collins, as diferentes formas de opressão que afetam negativamente a vida e os cor/pos de mulheres negras manifestam-se em três dimensões interdependentes: a econômica, vinculada à exploração do trabalho, fundamental para a reprodução do capitalismo, tal como também observam Silvia Federici (2004) e Angela Davis (2016).

Outra dimensão a ser considerada na percepção de práticas opressivas contra essas cor/poralidades, está na esfera política, na negação de direitos e na cristalização de privilégios para cidadãos brancos do sexo masculino.

Além disso e como terceira dimensão, está a esfera ideológica que se materializa na produção e vigência das imagens de controle reforçadoras dessas opressões que são reproduzidas para e por todos os grupos sociais, inclusive as próprias vítimas. As imagens de controle, surgidas nos contextos de escravização, são ideologias racistas e sexistas que permeiam a dinâmica social brasileira de modo hegemônico, sendo vistas como naturais e inquestionáveis por todos os sujeitos sociais.

Posts



claudiasimone__

🎵 Dona Ivone Lara • Sorriso negro



Curtido por barbara.kuringa e outras pessoas

claudiasimone__ #diadaconsciêncianegra
#mulheresnegrasnaliderança #escrevivênciapreta



claudiasimone__

🎵 claudiasimone__ • Áudio original



Diante do sofrimento psíquico e da dor gerados por essas opressões, intelectuais negras têm chamado a atenção para a relevância do campo artístico-cultural como palco fundamental para o protagonismo feminino negro. As práticas artístico-culturais foram e continuam sendo importantes para o estabelecimento de espaços seguros de vida e existência social, distantes do racismo e do sexismo.

Neste contexto, nossa pesquisa consistiu na realização de uma etnografia do protagonismo intelectual e político de mulheres negras a partir da produção estética e metodológica na cena teatral contemporânea a partir das intervenções estético-poéticas propostas por **Claudia Simone dos Santos Oliveira**, atriz e dramaturga do Teatro das Oprimidas.

Tendo em vista que todo o tempo de pesquisa previsto pelo Edital objeto de bolsa teve duração de um ano, os apontamentos deste relatório são sucintos deste curto período, já que o processo de pesquisa teve outros desdobramentos e segue em andamento, projetando publicações e outras ações de extensão e pesquisa.

Para o período em questão, destacamos que o estudo se baseou nos pressupostos do feminismo negro contemporâneo buscando identificar e analisar as formas pelas quais Claudia Simone tem produzido, na forma estética *escrevivências-pretas cênicas*, novos sentidos e significados estético-políticos para ressignificar e subverter as imagens de controle que culminam no adoecimento psíquico de tantas mulheres negras atravessadas por opressões como o racismo e sexismo.

A abordagem metodológica central utiliza os instrumentos fornecidos pelo feminismo negro de autoria brasileira e estadunidense, bem como elementos do Teatro do Oprimido (TO) de Augusto Boal, Bárbara Santos e Cláudia Simone dos Santos Oliveira além das práticas estéticas que resultam no Teatro protagonizado por mulheres negras cunhado por elas e por elas definido como Teatro das Oprimidas.

Em particular, nossa pesquisa está focada na percepção e análise da metodologia das "*escrevivências pretas cênicas*", forjada por Cláudia Simone a

partir do conceito de *escrevivência* de Conceição Evaristo, constituindo epistemologia que fortalece as subjetividades e materializa representações inéditas sobre cor/po, relações de trabalho e saúde na contemporaneidade.

O estudo articula o Serviço Social, as artes cênicas e a saúde mental sob um prisma interseccional de gênero, raça e classe, sendo fundamental para aperfeiçoar o campo das políticas públicas, sobretudo na assistência social. Discute-se, ainda, como o trabalho estético na arte teatral rompe com as imagens de controle reprodutoras do racismo e sexismo, e de que forma essa abordagem do cuidado e autocuidado impacta positivamente na saúde mental das realizadoras dando sentido às suas existências.

Em suma, a pesquisa acompanha e investiga o movimento de mulheres da classe trabalhadora, organizado no campo artístico, que buscam, através da criação estética fora do eixo das imagens de controle, constituir uma luta política sob o prisma étnico-racial e de gênero. Este movimento visa a descolonização e emancipação humanas, transformando a condição de mulheres vistas como objeto em propositoras de suas próprias narrativas e suas vivências e existências compostas de sentido real e esfera de realização.

2. OBJETIVOS

O objetivo principal da pesquisa é compreender como as *escrevivências* pretas cênicas têm sido aprimoradas como espaço seguro para as diferentes formas de vivência do autocuidado e de autodefinição (COLLINS, 2019) de mulheres negras no campo artístico, na vida social e política, tensionando o racismo e sexismo como partes integrantes da cultura brasileira (GONZALEZ, 2019) e mundial.

Os principais objetivos da pesquisa foram cumpridos, tal como delineados na forma de projeto, pois:

A execução do projeto demandou a leitura de materiais bibliográficos e focou na obra *“Que Maluquice é Essa?: escrevivência preta-cênica, corporalmente mulheres negras, saúde mental no Teatro das Oprimidas”*, como

alicerce fundamental para o aporte teórico-metodológico da pesquisa, já que o livro é de autoria de Claudia Simone baseado no texto de sua dissertação de mestrado sob minha orientação e co-orientação de Talita de Oliveira no Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais do CEFET/RJ.



Capa de “Que Maluquire é Essa?: escrevivência preta-cênica, corporalmente mulheres negras, saúde mental no Teatro das Oprimidas” de autoria de Claudia Simone dos Santos Oliveira, publicado pela Editora Casa Philos em 2024

Além da realização de entrevistas e conversas informais, o acompanhamento dos laboratórios realizados pontualmente e do processo de criação estética, sonoro-poética dos debates encenados, assistência aos espetáculos e participação nos fóruns de debates sobre o tema.

Tendo cumprido os objetivos delineados na forma projeto, os resultados apresentados na forma de relatório de pesquisa articulam a análise sob prisma interdisciplinar e interseccional no bojo do Serviço Social contemporâneo, tensionando o debate da questão social através dos atos de cuidar como trabalho laboral (não pago/ invisibilizado/ doméstico ou profissional/ precarizado/ remunerado) e saúde mental de mulheres negras pressupondo leitura, análise e síntese teórico-conceitual neste campo de conhecimento.

Além disso, buscou-se amparar a pesquisa sob arcabouço dos estudos de gênero, estudos de raça e classe numa perspectiva interseccional e etnográfica, contando também com o aporte dos estudos culturais

latinoamericanos e utilizando-se do conceito de “escrevivência preta cênica” como operador teórico-metodológico já consolidado a partir da construção acadêmica da autora desta pesquisa com Claudia Simone, já que os problemas apresentados para viabilizar este pós-doutorado consistiram em desdobramentos de trabalhos anteriores, pois como já notamos, tal discussão e mesmo o forjar do conceito de escrevivência preta-cênica foi iniciada com o mestrado que Cláudia Simone concluiu sob nossa orientação acadêmica.

3. MATERIAIS E MÉTODOS

O trecho a seguir apresenta, de forma conclusiva, os materiais e métodos empregados na pesquisa etnográfica de pós-doutorado, conforme planejado e executado.

A pesquisa foi desenvolvida ao longo de 12 meses, entre julho de 2024 a julho de 2025, utilizando uma abordagem etnográfica de perspectiva interdisciplinar e interseccional. O estudo buscou articulações entre as artes cênicas contemporâneas, o cuidado como prática laboral de mulheres negras e as discussões sobre saúde mental, sob o prisma teórico-metodológico do Serviço Social.

O principal operador teórico-metodológico empregado foi o conceito de “escrevivência preta cênica”, forjado por Cláudia Simone dos Santos Oliveira a partir dos instrumentos fornecidos pelo Teatro do Oprimido (TO) de Augusto Boal e sua continuidade que culminou no Teatro das Oprimidas. Esta metodologia permitiu especificar as diferentes formas opressivas vivenciadas por mulheres negras, sem dar destaque a estes elementos de violência, mas ainda que não possamos negligenciá-los, o foco sublinhar as práticas de enfrentamento realizadas por essas mulheres tanto para combater novas e antigas formas de opressão que as atravessam, como para propor formas de debate e proteção conjunta.

O trabalho de campo e a coleta de dados foram estruturados em duas etapas etnográficas. A pesquisa incluiu o acompanhamento dos processos

criativos de Cláudia Simone e seus laboratórios experimentais, como o trabalho realizado em “Me Editar nas Águas que me atravessam”, espetáculo que baseou todo a forja do conceito de escrevivência preta-cênica a partir e através do universo de Conceição Evaristo em diálogo com outras referências, principalmente a perspectiva teórico-crítica de Bárbara Santos, kuringa do Teatro do Oprimido.

Os materiais de pesquisa coletados incluíram:

1. Caderno de Campo e Entrevistas: Foi realizada a compilação de um caderno de campo para o registro das abordagens, anotações e percepções obtidas. A metodologia etnográfica foi complementada pela realização de entrevistas, encontros e conversas informais sobre os processos que desencadeiam a produção de escrevivências pretas cênicas na contemporaneidade, seja no campo epistêmico, seja na luta política contra o racismo e o sexismo em nossa cultura e sociedade;
2. Acompanhamento da Produção Estética: O estudo acompanhou a concepção de textos, materiais audiovisuais, a plástica de figurinos, adereços, cenografia e sonoplastia/sonorização. Também foram assistidas performances, debates, fóruns, participação em bancas de mestrado e apresentações públicas de espetáculos protagonizados por Claudia. O acompanhamento de suas intervenções de escrevivência preta-cênica foi realizado na forma de encontros presenciais e remotos, bem como em páginas que a atriz e artista do Teatro das Oprimidas realiza nas redes sociais, uma esfera importante de divulgação e construção político-artística da vida social contemporânea;
3. Análise Conceitual e Estética: Foram analisadas as formas estético-poéticas do espetáculo “Me Editar nas Águas que me atravessam” e que buscam subverter as imagens de controle. No contexto mais amplo da estética das escrevivências pretas cênicas, um

exemplo central de material analisado foi a produção em parceria com a artista visual Soberana Ziza, que forjou os conceitos de "auto-falante" e "alto-falante" expressos na imagem de Anastácia segurando um megafone. Esta imagem visa romper frontalmente com a pintura que impunha o silêncio à Anastácia.

A análise incluiu também o rastreamento dos desdobramentos estético-poéticos do conceito de “escrivência preta cênica”, como a materialização da performance denominada “da opressão que me habita à expressão que me ativa”, que resultou de figurinos de papel criados para representar as opressões vivenciadas. A estética do espetáculo, que frequentemente perpassa a confecção de arte através de lixo e material reciclado, também foi examinada por ampliar o acesso e o diálogo com mulheres negras interessadas no fazer teatral.



Claudia Simone em cena do espetáculo “Me Editar”

Em conformidade com o cronograma, houve o levantamento e leitura de bibliografia fundamental sobre o Serviço Social, feminismo negro

interseccional, trabalho de cuidado e saúde mental, provendo o necessário aporte teórico-metodológico. A análise das escrituras pretas cênicas foi fundamental para a direção dos resultados e o embasamento deste relatório de pesquisa, confirmando a articulação entre os campos do Serviço Social, das artes e da saúde mental sob um prisma interseccional de gênero, raça e classe.

Essa articulação entre os materiais e métodos disponíveis e projetados, também foi fundamental para nossa atuação como docente do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Unesp de Franca, ministrando a disciplina *“Protagonismo de Mulheres Negras: trabalho e saúde mental na contemporaneidade”* durante o segundo semestre de 2024, com cerca de quinze (15) estudantes regularmente matriculadas.



Atividade extensionista da disciplina *“Protagonismo de Mulheres Negras: trabalho e saúde mental na contemporaneidade”* com a Presidenta da COOPERFRAN, Diana Santos.

Dentre as atividades teóricas realizadas em sala de aula, houve a realização de atividades de extensão universitária que resultaram em dois encontros do grupo junto à comunidade externa de Franca visando interagir e ampliar a percepção sobre o protagonismo feminino negro na cidade.

A primeira atividade extensionista foi uma visita do grupo da disciplina à Cooperativa de catadores de Franca, (COOPERFRAN) em 12 de novembro de Durante o diálogo com Diana, presidenta da cooperativa, ficou evidente sua disposição em buscar recursos junto à prefeitura de Franca, destacando o protagonismo das mulheres no trabalho ali realizado. A presidenta também apontou o desejo de ampliar o número de famílias cooperadas, demonstrando uma aproximação das práticas realizadas na Cooperfran com aquilo que destaca Hill Collins (2019) sobre a importância da coletividade para resistir às desigualdades impostas às mulheres negras e suas famílias.



Diana conversa com as visitantes sobre a realidade cotidiana e as condições de luta e trabalho enquanto liderança das famílias catadoras de recicláveis no município de Franca

Dentre as questões percebidas, abordadas e debatidas durante nossa visita à cooperativa, a questão do trabalho foi importante ponto de partida para pensarmos sobre a existência e reprodução econômica de mulheres negras. A transformação do lixo reciclável em recurso transformado e retornado à produção industrial é uma faceta importante da exploração do capital na contemporaneidade. Podemos pensar o quão importante tem sido, historicamente, a mão de obra feminina negra no cuidado que se tem não só às pessoas, mas o cuidado com os materiais na indústria de transformação e reuso.



Vista panorâmica da área de entrada e linha de produção da usina de reciclagem da COOPERFRAN



Material já produzido e compactado para reaproveitamento e retorno industrial na Cooperativa

Dois outros momentos de interação com mulheres negras atuantes em seus contextos sociais consistiram em conversas e oportunidades de trocas para as mulheres participantes da disciplina. Estes encontros foram realizados no ambiente de sala de aula, com as mulheres convidadas participando de forma remota, interagindo com as estudantes que estavam em sala de aula presencialmente.

Numa dessas ocasiões, realizamos uma conversa com Thaís Venceslau, mulher negra, doula e mãe de seis filhos e com diferentes vivências de trabalho de parto e assistência ao parto e que trabalha em Araraquara para garantir assistência digna a mulheres gestantes. Ela apresentou o Grupo Acolher,

doulas de Araraquara, coletivo que integra juntamente com outras duas doulas, Luiza Capelari e Itaiana Battoni e que, frente às violências obstétricas, articulou-se com o poder público municipal para aprovar uma lei garantindo a presença de doulas durante o parto em espaços hospitalares do município. Essa experiência reafirma a importância da coletividade na luta e conquistas por direitos, seja em âmbito local ou global.

Em outro momento, contamos com a intervenção de Vilma Neres Bispo que, tal como Claudia Simone, foi nossa orientanda de mestrado em Relações Étnico-Raciais no CEFET/RJ. Vilma é fotógrafa baiana e apresentou seu trabalho estético-poético relacionado ao conceito de escrevivências no campo da fotografia e produção de representações de pessoas negras. Em sua dissertação, Vilma forjou o conceito de fotoescrevivências negras ou escrita com a luz, conceito que tem sido desdobrado e ampliado no âmbito de atuação de outras mulheres negras fotógrafas, tais como Mariana Garcia dos Santos Silva. Atualmente, Mariana é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo, sob orientação de Luziane de Assis Ruela Siqueira.

Esse contato é crucial para a comunidade acadêmica, pois amplia a compreensão sobre as múltiplas potencialidades das mulheres negras em diferentes cenários de atuação, não somente no campo artístico, mas também nele, como foco desta pesquisa de pós-doutorado.

Um último encontro marcante foi a roda de conversa com mulheres expoentes do Movimento Negro organizado da cidade de Franca, que teve lugar na Casa de Cultura do Artista Francano Abdias Nascimento, situada na região central da cidade. Este encontro mobilizou mulheres artistas, intelectuais e trabalhadoras e consistiu em leituras dramatizadas, declarações poéticas, conversas e relatos sobre as vivências pessoais e em forma de coletivos na cidade, buscando fortalecer suas subjetividades e atuação política. Ações como essas estão conectadas à busca de estabelecer espaços seguros (COLLINS, 2019) que possam ser construídos e ocupados por mulheres negras no contexto francano, onde a articulação de diferentes frentes do movimento negro organizado é intensa e consolidada.



Encontro com lideranças do Movimento Negro na Casa de Cultura do Artista Francano “Abdias Nascimento”

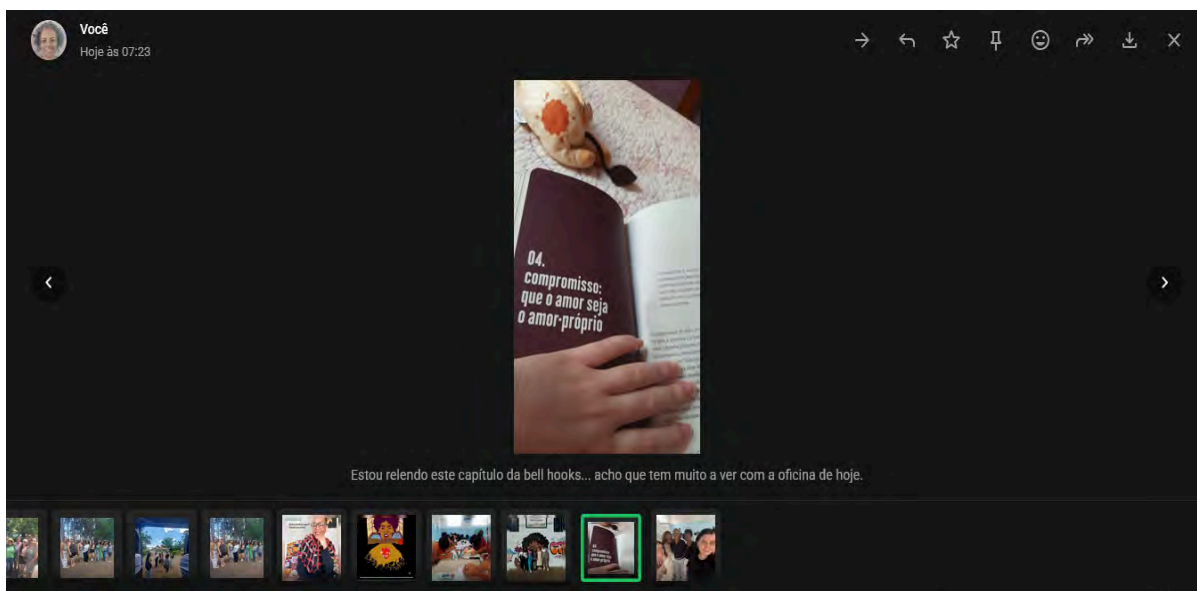


O desdobramento desta disciplina resultou no Projeto de Extensão coordenado pela Profa. Dra. Maria José de Oliveira Lima, coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social que foi contemplado no Edital PROPG/PROEC 18/2024, Curricularização da Extensão na Pós-Graduação sob o tema “A transversalidade das relações raça/etnia, classe e gênero que perpassam a gestão de políticas públicas”.



Parte da equipe integrante do Projeto de Extensão em desdobramento de nossa pesquisa de pós-doutorado

Este projeto ainda se encontra em andamento e nossa participação está no âmbito da organização e planejamento teórico-conceitual para a realização de oficinas presenciais junto à mulheres negras frequentadoras do CRAS Nordeste e suas famílias.



Trocas no aplicativo de mensagens entre as membras da equipe do projeto



Parte da equipe do projeto de extensão em dia de oficina no Cras Nordeste, Franca/SP

4. RESULTADOS

Podemos pensar nas escrituras pretas cênicas como uma nova forma de trabalho cênico-social. Se as imagens de controle são pregos enferrujados que fixam as mulheres negras em posições de opressão e sofrimento, a escritura cênica é uma ferramenta que, ao possibilitar a forja de narrativas e repertórios próprios que, ao serem encenados resultam em retratos de histórias autorreferenciadas, consolidam espaços seguros para cor/poralidades negras. As escrituras pretas-cênicas são uma forma de trabalho cênico-social que não só arrancam esses pregos da opressão interseccionada, mas que promove rupturas com estigmas, usando a matéria liberada para construir um novo palco: um lugar próprio de autodefinição e protagonismo de mulheres negras na cena e na vida contemporânea.

No contexto de nossa pesquisa e, na tentativa de estabelecer diálogos e interlocução com a realidade das mulheres negras da cidade de Franca, município onde se situa a Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Unesp e, especialmente o Programa de Pós-Graduação em Serviço Social que abrigou esta pesquisa de pós doutoramento, faz-se importante dialogar com algumas mulheres negras que, no contexto da cidade, são referências de vida e luta no campo das relações sociais contemporâneas e que alcançaram reconhecimento público local e ampliado, por conta de seus protagonismos.

Conforme sinaliza Sabrina Santos, mestranda do Programa de Pós-graduação em Serviço Social e que foi estudante matriculada na disciplina Protagonismo de Mulheres Negras, que oferecemos durante nossa permanência no pós-doutoramento objeto deste relatório, é importante enfatizar elementos de trajetória e as contribuições de mulheres negras vinculadas à cidade de Franca,

[...] tais como **Maria de Lourdes Vale Nascimento, Paula Gualberto, Eveline de Souza, Isa do Rosário e também do Coletivo Kilombo das Kitandeiras**. Suas trajetórias e produções são expressões de resistência intelectual e cultural frente ao silenciamento histórico imposto à população negra desde o período da escravidão. Carolina Maria de Jesus, por exemplo, ao publicar *Quarto de Despejo* (1960), não apenas

desafiou as narrativas hegemônicas que restringiam as experiências negras à subalternidade, mas também protagonizou um marco na literatura brasileira ao evidenciar as complexidades da vida nas periferias urbanas sob seu olhar (SILVA, 2024, p.1, grifos nossos)¹.

Assim, a autora define mulheres negras francanas como protagonistas na literatura, na arte e também no empreendedorismo para se contrapor ao que Sueli Carneiro (2005) denominou como “ensurdecimento de vozes”, enquanto uma esfera dos processos epistemicidas que resultam na anulação e desqualificação dos saberes produzidos por pessoas e populações subalternizadas pela branquitude e pelo patriarcado e que implicam no estabelecimento de hierarquias entre diferentes formas de produzir e difundir saberes no Brasil, relegando o conhecimento produzido por mulheres e negras como não saber, tal como já apontou Fanon (2008) onde às pessoas negras são atribuídas características da esfera do não ser enquanto reafirmação do etnocentrismo brancocentrico e patriarcal enquanto referenciais exclusivos de humanidade.

Meriellen Santos da Silva, psicóloga que frequentou a disciplina na condição de aluna ouvinte, destaca o protagonismo de mulheres negras francanas no campo da saúde mental, enquanto profissionais que têm percepção racializada das questões que emergem no âmbito da clínica. Gabriela Roberta Silva, Mariana Gomes e Josiane Barbosa de Oliveira são as mulheres negras, psicólogas e protagonistas neste sentido, principalmente por serem poucas as psicólogas negras atuantes na cidade de Franca:

Gabriela Roberta Silva e Mariana Gomes são jovens adultas, as duas possuem aproximadamente 30 anos de idade e são participantes de diversas ações organizadas pelos movimentos negros da cidade, inclusive trabalhando em diferentes momentos em áreas importantes da saúde pública local e regional. Contribuindo de forma significativa e dialogando sobre a saúde mental da população negra para um público diverso e utilizando uma linguagem acessível. Já Josiane

¹ Sabrina Santos Silva em texto apresentado como trabalho final da disciplina “Protagonismo de mulheres negras: trabalho e saúde mental na contemporaneidade ministrada pela pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da UNESP Franca no segundo semestre de 2024, enquanto parte do processo de pós-doutoramento objeto do Edital 06/2024 PROPG/PROPe.

Barbosa de Oliveira é membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP), realizou eventos abertos para a população em parceria com a Comissão do Cinema & Psicanálise de Ribeirão Preto e também com o Núcleo de Estudos Mal-Estar na Cultura da SBPRP, analisando filmes a partir do olhar da psicanálise, tornando mais acessível esse campo do conhecimento. Josiane também participou e realizou ações sociais e culturais promovidas na cidade de Franca. Uma mulher negra, na faixa etária dos 60 anos, que possivelmente viveu diferentes enfrentamentos referentes ao racismo, que julgo terem sido ainda mais difíceis de se posicionar e de dialogar em outras décadas, por isso menciono a faixa etária das profissionais (SILVA, 2024, p. 2)².

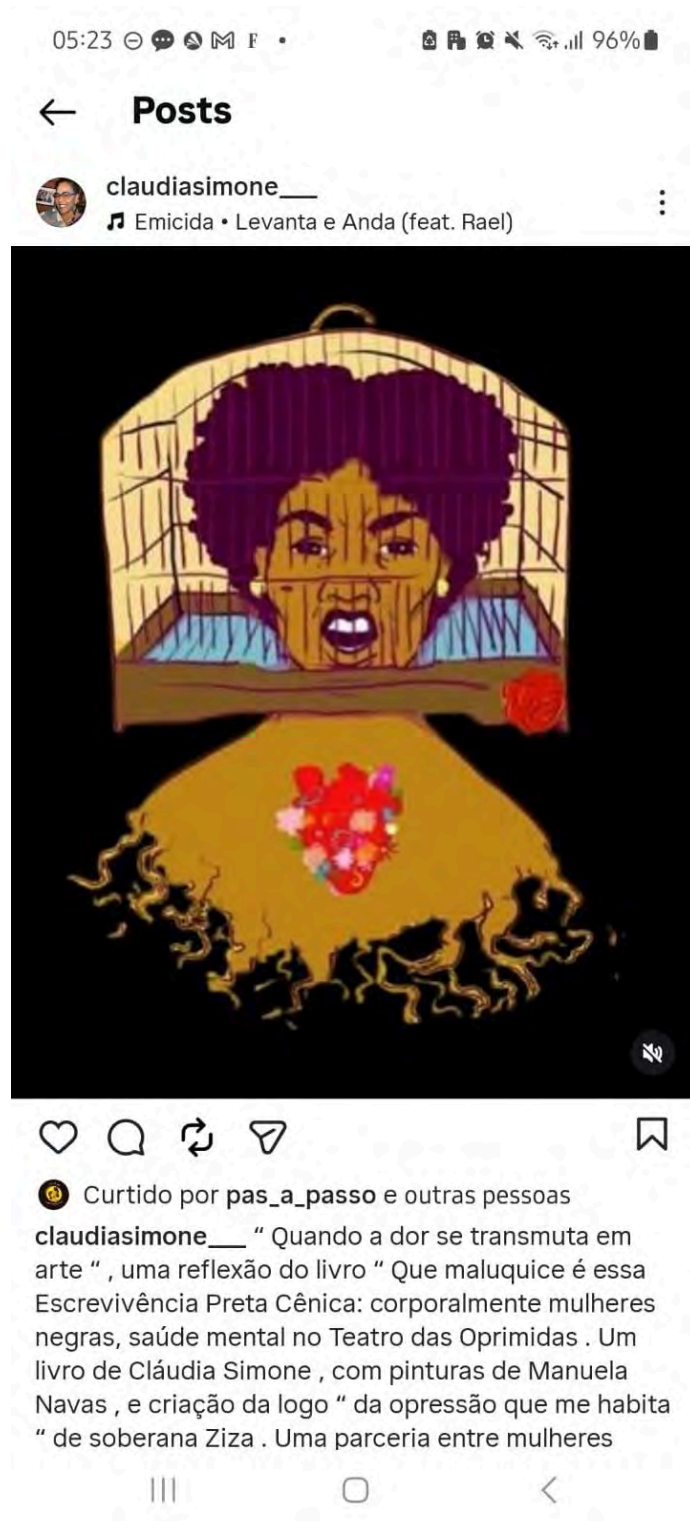
Para Claudia Simone (OLIVEIRA, 2024), nossa principal interlocutora de pesquisa, a abordagem estética das violências psicológicas causadas pelo racismo cotidiano e a ocupação do espaço cênico podem auxiliar no autocuidado e no empoderamento das mulheres negras. A partir do Teatro das Oprimidas, a atriz busca fortalecer o feminismo antimanicomial e antirracista, dando visibilidade às práticas estéticas de ocupação das Artes Cênicas por Cor/pas negras, tomando-as como um direito para suas existências e realizações plenas enquanto mulheres e pessoas dignas de cuidado e saúde mental.

Na abordagem realizada por Claudia Simone, o espaço cênico constitui um território estratégico a ser ocupado por mulheres negras portadoras de sofrimento psíquico, apoiando suas lutas pelo bem-viver e no combate ao racismo. Assim, as práticas estético-poético e cênicas da atriz, na vivência artística de escrevivências pretas cênicas, consistem numa teoria da *práxis* que interliga saúde mental, relações étnico-raciais e artes cênicas, dialogando com pensadoras/es negras/os referências na luta antirracista, antimanicomial e no Teatro das Oprimidas.

A escrita dos textos e cenas que compõem as escrevivências pretas-cênicas tem apoio no conceito de Escrevivência, forjado pelo universo literário de Conceição Evaristo. Claudia Simone se utiliza deste operador teórico para se auto-inscrever no mundo e dar voz às histórias e vidas vilipendiadas por diferentes formas de opressão, sobretudo aquelas marcadas

² Meriellen Santos da Silva, aluna ouvinte da disciplina “Protagonismo de mulheres negras: trabalho, serviço social e saúde mental na contemporaneidade”, em trabalho final de conclusão da disciplina.

pela chave interseccional de raça, classe, gênero, etarismo, entre outras. É no bojo dessas intersecções de opressão que a pesquisa teatral de Claudia Simone forja a ferramenta epistemológica “Escrevivência Preta Cênica”.



Post de rede social onde Claudia Simone traz a arte de Soberana Ziza para expressar “Da Opressão que me habita”, espetáculo gerador do conceito de “escrevivência preta-cênica”

Dessa forma, o texto cênico-teatral se apresenta como um "texto-sujeita", nascido do conhecimento encarnado e vivido no cotidiano, escrito em primeira pessoa para retomar o direito que cada mulher tem de realizar narrativas sobre si mesma e sobre o mundo que a cerca e no qual habita.

O termo "texto-sujeita" é um dos conceitos desenvolvidos por Claudia Simone e que atuam no fortalecimento de uma teoria que se constitui ação política enquanto "Escrevivência Preta Cênica" tornando possível que cada cor/poralidade vivenciada e ocupada por mulheres negras, seja na vida cotidiana, seja no âmbito cênico, possa ser vista e percebida como "auto-falante", isto é, uma fala construída por si e para si mesma, sobre si mesma e, ao mesmo tempo como suas cor/pas atuem como "alto-falantes", remetendo ao que Audre Lorde indica como "transformação do silêncio em linguagem e ação" e bell hooks indica como "erguer a voz".

A Escrevivência Preta Cênica atua, portanto, como ferramenta epistemológica que visa a restituição de cenas roubadas pelo racismo e sexismo, dentre outras opressões que atravessam o corpo e a vida das mulheres negras. É uma forma de encenação auto-falante (falar em primeira pessoa, de si) e alto-falante (voz como volume de vida para ser ouvida e considerada), que busca a descolonização do eu e das artes cênicas.

Considerando a atuação e o protagonismo de Bárbara Santos, kuringa do Teatro do Oprimido no contexto de formação e construção política junto a Augusto Boal, Claudia se apropria das discussões que Bárbara Santos tem realizado na teoria e na prática enquanto diretora e atriz do método TO para, em diálogo com Conceição Evaristo construir o conceito de Escrevivência Preta Cênica.

Dessa aliança entre a perspectiva de Bárbara Santos e Conceição Evaristo, Claudia Simone propõe a dramaturgia de DES(ATOS) como uma ruptura da forma eurocêntrica e colonizada de fazer teatro, rechaçando a negação do direito de existir, narrar e conduzir processos de teatralização por

Cor/pas negras e imprimindo formas racializadas e feministas no fazer teatral, como atuação poético-cênica, propondo inovações e intervenções no campo artístico que desembocam no âmbito político das tensões sociais contemporâneas.

Esta pesquisa conclui que a militância artística, através da Escrivivência Preta Cênica e do Teatro das Oprimidas, é crucial para a luta pela liberdade e o bem-viver das mulheres negras no Brasil e no mundo, a partir da atuação da Rede Madalenas Internacional. O estudo prioriza o corpo negro em todo o processo de produção teatral e a construção de narrativas por corpos femininos negros.

O desenvolvimento da Estética Negra Feminista e a forja do conceito de Escrivivência Preta Cênica são a principal contribuição acadêmica, concentrada na crítica cultural e na transformação das estruturas opressoras de raça, classe e gênero. Ao romper com o lugar paralisante da dor, a pesquisa reitera que o Teatro das Oprimidas e a Escrivivência são práticas de liberdade (hooks, 2019; FREIRE, 1981), fundamentais para a descolonização da mente (BOAL, 2013) e para a construção da atualidade do tempo presente e do futuro sob ótica do antirracismo e da promessa de uma vida sem racismo, sexismo dentre outras opressões interseccionadas.

A escrita atua como uma "operação insubmissa" nas artes cênicas, impulsionando novas formas de construção textual e encenação a partir da negritude e da experiência das mulheres negras. A restituição das narrativas negras na cena é vista como um ato político de existência e resistência, que reatualiza o passado, recria o presente e desenha o futuro.

A articulação entre o pensamento teórico-prático de Bárbara Santos com a perspectiva poético-literária de Conceição Evaristo na forma de escrevivência preta cênica, elaborada por Cláudia Simone, resulta num modo avançado de construção epistêmica reveladora da faceta acadêmica dessas três mulheres negras viventes neste mundo, para além do racismo e sexismo e apesar dele.

Claudia, enquanto mulher negra que atua na vida política e no campo acadêmico das artes cênicas e das relações étnico-raciais com uma discussão

muito presente no âmbito dos contextos institucionais da saúde mental medicamentalizada, institucional-hospitalar, assume que a percepção racializada da realidade influencia o que se escreve, para quem e como se escreve, mas também influencia, tal como observa Conceição Evaristo, como cada existência se (auto)inscreve no mundo.

5. DISCUSSÃO

O racismo opera tanto no plano material quanto no subjetivo das relações sociais, com graves consequências para as mulheres negras. A intervenção através do Teatro das Oprimidas busca tornar visíveis as opressões internalizadas e produzir abordagens estéticas das violências psicológicas, apontando caminhos para o enfrentamento, considerando a interseccionalidade de gênero, raça e classe enquanto tensões fundamentais.

O racismo, ao negar o direito à subjetividade para negros e negras, levou a autora a usar seus delírios como subversão feminista ao sistema manicomial. A transformação do sofrimento em arte é vista como um processo curativo e libertador que transforma não só a vida da mulher negra como pessoa individual, mas o caráter interacional do fazer teatral, amplia a dimensão política dessa transformação para o âmbito coletivo e terapêutico.

Neste sentido, podemos dizer que o campo artístico-teatral implica num lugar necessário de enfrentamento ao racismo pois resulta na constituição de uma linguagem própria, tal como nos mostra a aplicação das vivências de escrevivência preta-cênica, bem como em narrativas que encenam as opressões vividas como forma de ampliação da percepção coletiva sobre o racismo e sexismo, que implicam numa dimensão de dororidade (PIECADE, 2017) e vivência do ódio (LORDE, 2020) mas também busca de cura coletiva, diagnóstico psico-social e superação dos estados de adoecimento físico-mental que os processos reconstituintes das cenas roubadas reencenam e atribuem saúde mental em mulheres negras para que, nesse processo, construam lugares seguros para si e para outras, numa dimensão narrativo-cênico-poética

de luta e enfrentamento que não se esgota no ato cênico mas que se realiza apesar do racismo e sexismo na cultura brasileira (GONZALEZ, 2019).

Para fins de compreensão do conceito de escrevivência preta-cênica se faz indispensável realizar breves apontamentos históricos sobre a trajetória da própria Claudia Simone enquanto mulher negra, em suas dimensões afetivo-pessoais, profissional do campo artístico, ativista atravessada por processos de exploração do trabalho laboral numa sociedade de classes sob a perspectiva e vivência da classe trabalhadora, para darmos alguma mostra dos caminhos percorridos antes da forja do conceito propriamente dito.

Claudia Simone é uma das fundadoras do grupo de Teatro do Oprimido Pirei na Cenna (PNC), um Coletivo formado por pessoas portadoras de sofrimento psíquico, familiares e militantes da luta antimanicomial no estado do Rio de Janeiro. No contexto de seu surgimento e atuação, o grupo atuou como protagonista de arte e cultura frente aos anacronismos impostos pela Reforma Psiquiátrica Brasileira (RPB).

A potência artística do PNC reside, dentre outras coisas, na utilização da metaforização dos delírios das pessoas atravessadas por questões importantes de saúde mental e em tratamento psico-psiquiátrico, enquanto mobilizadores da construção artística em sua esfera política, inovando no campo da saúde mental e lutando contra a padronização da loucura. Em sua dissertação de mestrado, já mencionada, Claudia fornece maior panorama sobre a atuação do Pirei na Cenna, tanto em sua esfera de criação criativo-artística, como no âmbito de uma terapêutica, além do âmbito político, da época.

No decorrer de sua atuação conjunta com o grupo que compunha a formação de uma experiência e aplicação do método do Teatro do Oprimido no Rio de Janeiro sob a liderança de Augusto Boal, Claudia desenvolveu com a diretora Bárbara Santos, o Laboratório "Da Opressão que me habita à Expressão que me ativa". Estes laboratórios, originalmente pensados e destinados ao acolhimento, participação e protagonismo de mulheres negras diagnosticadas com sofrimento psíquico, foram sendo ampliados para outras mulheres da Rede Madalena Internacional (RMI).

O Laboratório utiliza a abordagem estética para tratar as violências psicológicas provocadas pelo racismo cotidiano, promovendo o autocuidado e empoderamento através da ocupação do espaço cênico. O laboratório pensado e realizado inicialmente no contexto brasileiro, foi adaptado e aplicado em diversos países do mundo, com destaque para países africanos de língua portuguesa e francesa, países dos Caribe e várias nações latinoamericanas, implicando em redes internacionais de atuação, desenvolvimento e difusão do Teatro das Oprimidas entre mulheres de diferentes nacionalidades. Também a Europa torna-se um lugar relevante no bojo dessa atuação, tendo em vista que as principais articuladoras do Teatro das Oprimidas, Claudia Simone e Bárbara Santos residem no continente.

Outro elemento fundamental na consolidação do conceito de escrevivência preta-cênica, para além dos outros legados acionados sobre a trajetória de Claudia Simone, sem dúvidas é o espetáculo "ME Editar nas águas que me atravessam", uma construção dramatúrgica dirigida por Bárbara Santos sob concepção, criação cênica e atuação de Claudia Simone e que surge do sofrimento como forma de cuidado e empoderamento de mulheres negras.

O processo de criação deste espetáculo é a origem do conceito de Escrevivência Preta Cênica. Aqui, Claudia Simone é atravessada pelas vivências reais frente aos processos de adoecimento de sua mãe, em trânsitos no âmbito dos serviços públicos de saúde. Claudia retrata os desafios, angústias e enfrentamentos durante as entradas e saídas de clínicas e hospitais, além dos contatos com a assistência médica hospitalar atravessados pelo racismo e sexismo enquanto acompanhava e cuidava de sua mãe, tudo isso atravessado pela discussão de medicalização e do tratamento dos corpos de mulheres negras sob esfera da subalternidade, sendo sua mãe uma mulher negra trabalhadora que vivenciou durante muito tempo uma vida de trabalho em meio aos cuidados domésticos de sua família e de tantas outras.

Em síntese, o trabalho com o Pirei na Cenna e o Teatro das Oprimidas promoveu rupturas no imaginário social sobre a loucura e a capacidade de

pessoas portadoras de sofrimento psíquico (PSP) serem protagonistas de suas histórias, produzindo arte e cultura, e não apenas terapia.

Neste contexto, as aplicações se deram também no bojo da formação e desenvolvimento d'O Coletivo Madalena Anastácia, formado por mulheres negras.



O Coletivo Madalena Anastácia em foto de celebração por uma década de atuação teatral e política em julho de 2025

O Madalenas Anastácia constitui um marco na Rede Madalenas Internacional (RMI), aproximando a prática do Feminismo Negro e reforçando a necessidade de colocar raça e gênero no centro do fazer teatral contemporâneo. A escolha do nome "Anastácia" simboliza a interdição da fala e a resistência feminina negra contra o sexismo e o racismo. O trabalho cênico-teatral de uma vida dedicada à concepção estético-cênico-póético-artística de Claudia Simone, sintetizada no conceito de escrevivência preta-cênica dialoga e contribui para que a luta antimanicomial e a luta antirracista sejam realizadas de forma indissociável, sendo o manicômio parte de um "tripé institucional de sustentação da sociedade capitalista" que, juntamente com prisões e instituições socioeducativas, controla corpos e subjetividades, isolando e perpetuando a violência.

Esta metodologia é abordada no contexto do Teatro das Oprimidas, que, por sua vez, deriva dos instrumentos fornecidos pelo Teatro do Oprimido (TO) de Augusto Boal, com aplicação e continuidade no trabalho realizado por Bárbara Santos e Cláudia Simone desde a década de 1980 e constitui uma epistemologia que busca fortalecer as subjetividades e materializar representações inéditas sobre cor/po, implicando na “cor/pa” como categoria epistêmica de enfrentamento das relações de trabalho e saúde na contemporaneidade.

Com base nos pressupostos do feminismo negro contemporâneo, a pesquisa estético-poético-cênica prescrita na forma de escrevivências pretas busca identificar e analisar as formas pelas quais mulheres negras produzem novos sentidos estéticos e políticos para ressignificar e subverter as imagens de controle (hooks, COLLINS, 2019) que resultam em adoecimento psíquico advindos do racismo e sexismo, dentre outras opressões implicadas a depender das particularidades das pessoas envolvidas no processo de constituição dos laboratórios cênicos na chave do Teatro das Oprimidas.

Essa abordagem é aprimorada como um espaço seguro para as diferentes formas de vivência do autocuidado e de autodefinição (COLLINS, 2019) de mulheres negras. A utilização deste conceito como operador teórico-metodológico fundamenta a construção de categorias estéticas e poéticas de autoinscrição para a garantia da existência física, emocional e sensorial dessas mulheres.

A argamassa poética que articula corpo, condição social e experiência (elementos estruturais das escrevivências) constrói o ato de falar de si por via da linguagem cênica. A "escrevivência" atua como um operador teórico-metodológico da pesquisa para a construção cênica do Teatro das Oprimidas realizado por Cláudia Simone e consiste num ato poético-político de falar de si, encenar e reorganizar as sujeitas/agentes em aspectos sócio afetivo-familiar, psíquico, físico, político e espiritual, encaradas como uma prática de promoção de saúde global e de protagonismo artístico-acadêmico-poético e político.



Posts



claudiasimone__

🎵 Luedji Luna • Um Corpo no Mundo

**SPECTACLE ANTIRACISTE OU QUAND LE
RACISME AFFECTE LA SANTÉ MENTALE : "ME
EDITAR" DE CLAUDIA SIMONE SANTOLIVERA**



Ce spectacle aborde les inquiétudes qui ébranlent et mobilisent les femmes noires. La proposition est de provoquer une réflexion esthétique sur les espaces sociaux qui imposent limitation, discrédit et infériorisation. Au delà d'alerter sur les risques encourus par les femmes noires par le seul fait d'exister, la pièce révèle un quotidien éprouvant pour survivre et démontre l'urgence de construire une société anti-raciste.



1



 Curtido por **barbara.kuringa** e outras pessoas

claudiasimone__ La Folie s'en Mel . Un festival pour rendre hommage, parle de santé mentale et de... mais

[Ver tradução](#)



claudiasimone_____

🎵 IZA • Caos e Sal



Este processo é conduzido em laboratórios experimentais por Cláudia Simone que desembocam em cenas e esquetes que podem constituir espetáculos ou outras construções cênico-poéticas, inclusive enquanto musicalidades ou sonoridades, bem como material audiovisual, livros ou outras produções a depender dos interesses do grupo envolvido nos processos e/ou da artista.



Apresentação de Cláudia Simone no Centre Social Rivery, Associação de Educação Popular na França

Para fins de detalhamento e compreensão da concepção de escrevivência preta-cênica, pode-se apontar o conceito de escrevivência desdobrado em três elementos fundantes de sua constituição:

- (a) Corpo: Refere-se à dimensão subjetiva do existir negro, lutando pela afirmação e pela reversão de estereótipos. Os corpos em cena atuantes servem de palco para a dramaturgia que nasce do encontro entre a dor e a busca de liberdade para despir opressões.
- (b) Condição: Realiza-se no encontro e no processo enunciativo que ocorre entre os diferentes personagens envolvidos na narrativa.
- (c) Experiência: É tanto um recurso estético quanto uma construção retórica que confere credibilidade e poder de persuasão à narrativa. É uma busca pela inserção e pelo modo de se situar no mundo.

É importante notar que a escrevivência extrapola a definição de escrita de si, pois os textos, imagens, representações e narrativas que dela surgem estão impregnados da história de uma coletividade racializada e assumidamente atravessada por suas relações de gênero e classe. Os relatos, narrativas, textos, imagens, figuras, cenas ao serem realizadas poeticamente nos termos estético-políticos propostos nos laboratórios do Teatro das Oprimidas utilizando-se da metodologia aplicada, resultam na apreensão do mundo com a auto inscrição de cor/poralidades negras, reafirmando as existências das mulheres participantes.

Na prática, a metodologia e a estética de diagnóstico, ruptura e emancipação prescrita nas práticas de escrevivências pretas cênicas buscam oferecer às mulheres negras a arte na "restituição de cenas roubadas" provocando a liberação de movimentos condicionados, transformando o corpo roubado, dopado, castrado e dominado pelo sistema patriarcal em uma arma de liberação de pensamentos colonizadores.

Um exemplo dessa ruptura é a forja dos conceitos de "auto-falante" e "alto-falante" por Cláudia Simone, que se manifestam na imagem de Anastácia segurando um megafone. Esta imagem interfere frontalmente na pintura que foi difundida historicamente de Anastácia com a máscara de flandres que impunha seu corpo ao silêncio. Estéticas e representações forjadas no bojo das

escrevivências pretas cênicas da contemporaneidade buscam romper com este tipo de imagem de controle.



Anastácia Auto-falante/Alto-Falante
Criação de Soberana Ziza sob concepção das escrevivências negras de Claudia Simone

Conforme ressalta Iolanda Neves, assistente social e mestrande do Programa de Serviço Social da UNESP de Franca, estudante regularmente matriculada na disciplina por nós ministrada no mesmo Programa:

Ao tratar das questões que afetam principalmente as mulheres negras, não se está apenas reconhecendo suas lutas e desafios, mas também afirmando sua humanidade essencial.

Esse reconhecimento transcende o foco em um grupo específico, funcionando como um impulsionador para uma transformação mais ampla da estrutura social que historicamente marginaliza e invisibiliza essas mulheres. Ao criar e garantir oportunidades concretas para as mulheres negras, estamos desafiando diretamente o sistema vigente e promovendo a construção de uma nova ordem social, mais justa e inclusiva. A resistência das mulheres negras é uma força transformadora, capaz de subverter as dinâmicas opressoras e abrir caminhos para um futuro mais justo. Essa inserção nos espaços de poder não é meramente uma conquista individual, mas um movimento coletivo que visa reverter séculos de exclusão e marginalização (NEVES, 2024)³.

O resultado das "escrevivências pretas cênicas" é um processo, muitas vezes doloroso, mas necessário, de tomada de consciência e autodefinição (COLLINS, 2019), que visa a descolonização e emancipação humanas, não apenas de mulheres e mulheres negras, mas de todos os grupos sociais.

REFERÊNCIA

ANTUNES, Ricardo. **Os Sentidos do Trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. SP: Boitempo, 2009.

BENTO, Cida. **Pacto da Branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BICUDO, Virgínia Leone. "A mensagem de 'Roda Viva'". **Jornal de psicanálise**. vol.52, n.96, pp. 87-98, 2009. [Publicado originalmente na *Revista Brasileira de Psicanálise*, vol. 2, n. 2, 1968]. Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v52n96/v52n96a09.pdf>>. Acesso 15/02/2022.

BOAL, Augusto. **A estética do oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

_____. **Teatro do Oprimido** e outras poéticas políticas. São Paulo: Cosac & Naify, 2013.

BRESSIANI, N.; MELO, R. Opressão e resistência no pensamento feminista negro: a teoria social crítica de Patricia Hill Collins. **CSR - Ciências Sociais em Revista**. v. 60, n.1, 2024. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/csr/article/view/18917/12914> . Acesso em: 15 jan. 2025.

³ Iolanda Neves, em trabalho final apresentado à disciplina "Protagonismo de mulheres negras: trabalho, serviço social e saúde mental na contemporaneidade".

CARNEIRO, Sueli. CARNEIRO, Aparecida Sueli. Dispositivo de Racialidade: a construção do outro como não-ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

_____. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento Feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, pp. 313-321.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo, 2019.

_____. **Bem mais que ideias: a interseccionalidade como teoria social crítica**. SP: Boitempo, 2022.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2021.

CRENSHAW, Kimberle. A Interseccionalidade na Discriminação de Raça e Gênero. Cruzamento: Raça e Gênero. In: VV.AA. **Cruzamento: raça e gênero**. Brasília: Unifem, 2004.

_____. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. Florianópolis: **Estudos Feministas**, 10(1), 171. 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2002000100011> >. Acesso 11/04/2024.

DAVIS, Angela. **A liberdade é uma luta constante**. São Paulo: Boitempo, 2018.

_____. **Mulheres, Cultura e Política**. São Paulo: Boitempo, 2017.

_____. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

EVARISTO, Conceição. A Escrivivência e seus subtextos. In: DUARTE, C; NUNES, I.(orgs.). **Escrivivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. RJ: Mina, 2020.

_____. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

EURICO, Márcia Campos et al. **Questão Racial, Serviço Social e os Desafios Contemporâneos**. Campinas: Papel Social, 2021.

_____. **Antirracismos e Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 2022.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. SP: Elefante, 2004.

_____. **O ponto zero da revolução:** trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. SP: Elefante, 2019.

FELISBERTO, Fernanda. Escrivência como rota de escrita acadêmica. In: DUARTE, Constância Lima, NUNES, Isabella Rosado (orgs.). **Escrivência:** a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FONSECA, Dagoberto José. **Políticas Públicas e Ações Afirmativas.** SP: Selo Negro, 2009.

_____. **Professoras Negras:** mulheres, acadêmicas e intelectuais. Curitiba: Brasil Publishing, 2020.

_____. **Um Povo, Duas Nações:** Angola e Brasil – o mundo bantu no Atlântico. SP: Dandara, 2024.

FONSECA, Dagoberto José (org). **As Mentiras do Ocidente.** São Paulo: Selo Negro, 2022.

FOUCAULT, Michel. A verdade e as formas jurídicas. Rio de Janeiro: NAU, 2009.

_____. Microfísica do Poder. São Paulo: Graal, 2013.

FREIRE, Mariana F. da Silva Cruz; PASSOS, Rachel Gouveia. **Políticas Públicas, Gênero e Violência:** contribuições para o serviço social. Campinas: Papel Social, 2015.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano:** ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020 (org. Flávia Rios e Márcia Lima).

_____. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje,** Anpocs, p. 223-244, 1984.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista hoje:** perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

hooks, bell. **Ensinando a Transgredir:** educação como prática da liberdade. SP: Martins Fontes, 2019.

_____. **Erguer a voz:** pensar como feminista, pensar como negra. SP: Elefante (2019).

_____. Mulheres negras moldando a teoria feminista. **Revista Brasileira de Ciência Política.** Brasília, n. 16, p. 193-210, 2015. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/mrjHhJLHZtfyHn7Wx4HKm3k/?lang=pt> >. Acesso em 18 abr 2021.

_____. **O Feminismo é para todo mundo.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2008.

_____. **Olhares Negros: raça e representação.** São Paulo: Elefante, 2019.

HOGGART, Richard. **As utilizações da cultura:** aspectos da vida da classe trabalhadora, com especiais referências a publicações e divertimentos. Lisboa: Editorial Presença, 1973.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). (n.d.). **Painel cor ou raça.** Recuperado em 5 de janeiro de 2025,. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/painel-cor-ou-raca/>>

LORDE, Audre. **Irmã Outsider:** ensaios e conferências. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LUGONES, Maria. Colonialidad y género. **Tabula Rasa**, n. 09, p. 73-101, 2008. Disponível em: <<https://www.revistatabularasa.org/numero9/05lugones.pdf>> . Acesso 07 out. 2022.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã:** crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846). São Paulo: Boitempo, 2007.

_____. **Textos.** Volume 1. São Paulo: Edições Sociais, 1975.

NOGUEIRA, C. M.; PASSOS, R. G.. A Divisão Sociosexual e racial do trabalho no cenário da epidemia de COVID 19: considerações a partir de Heleieth Saffioti. **Caderno CRH**, v. 33, p. e020029, 2020.

OLIVEIRA, Claudia Simone dos Santos. **Que Maluquice É Essa?** Escrivência Preta Cênica: Corporalmente Mulheres Negras, Saúde Mental no Teatro das Oprimidas. São Paulo: Casa Philos, 2024.

PASSOS, Rachel Gouveia. Mulheres negras, sofrimento e cuidado colonial. In: **Em Pauta:** Revista da Faculdade de Serviço Social da UERJ. Rio de Janeiro: 2020, n. 45, v.18, pp. 116-129. Dossiê Questão Étnico-Racial e Antirracismo. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/view/47219>. Acesso em 11/04/2024.

_____. **Teorias e Filosofias do Cuidado: Subsídios Para o Serviço Social.** Campinas: Papel Social, 2018.

_____. **Trabalho, gênero e saúde mental:** contribuições a profissionalização do cuidado feminino. São Paulo: Cortez, 2018.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência.** SP: Expressão Popular: Perseu Abramo, 2015.

SANTOS, Bárbara. **Teatro do Oprimido:** raízes e asas; uma teoria da práxis. RJ: Ibis Libris, 2016.

_____. **Teatro das Oprimidas**: estéticas feministas para poéticas políticas. RJ: Philos, 2019.

_____. **Percursos estéticos**: imagem, som, ritmo, palavra - abordagens originais sobre o Teatro do Oprimido. São Paulo: Padê Editorial, 2018.

SANTOS, Elisângela de Jesus. “ENTRE A MENTE E O CORAÇÃO”: ESCRIVÊNCIAS NEGRAS EM XENIA (2017). **Revista da ABPN**, [S.l.], v. 13, n. 36, p. 340-360, maio de 2021. Disponível em: <<https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1258>>. Acesso em: 15 fev 2022.

SCHABBACH, L. M.. A reprodução simbólica das desigualdades entre mulheres e homens no Brasil. **Opinião Pública**, v. 26, n. 2, p. 323–350, maio 2020.

SOUZA, Neusa S. **Tornar-se Negro**. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

Grupo XIX de Teatro. **Hysteria**. São Paulo: Edição do Grupo XIX de Teatro, 2007.

6. ORIENTAÇÃO DE MESTRADO DEFENDIDA NO PERÍODO



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Araraquara



ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE CAMILA GONÇALVES LIMA ROSA, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS - CÂMPUS DE ARARAQUARA.

Aos 31 dias do mês de março do ano de 2025, às 14h, por meio de Videoconferência, realizou-se a defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de CAMILA GONÇALVES LIMA ROSA, intitulada **DOUTORA MARIA DO CARMO VALERIO NICOLAU: EDUCAÇÃO, TRAJETÓRIA, E REPRESENTATIVIDADE FEMININA NEGRA**. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Profa. Dra. ELISÂNGELA DE JESUS SANTOS (Orientador(a) - Participação Virtual) do(a) Pós-Graduação em Ciências Sociais / FCLAr/UNESP Araraquara, Profa. Dra. AMANDA CRISTINA DANAGA (Participação Virtual) do(a) Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Profa. Dra. VALQUIRIA PEREIRA TENORIO (Participação Virtual) do(a) Câmpus de Matão / Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo. Após a exposição pela mestranda e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, a discente recebeu o conceito final: aprovada. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.

Profa. Dra. ELISÂNGELA DE JESUS SANTOS

7. DISCIPLINAS MINISTRADAS COM A RESPECTIVA CARGA HORÁRIA

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – UNESP
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – Franca – SP
Programa de Pós-Graduação em Serviço Social

Nome da Disciplina: Protagonismo de mulheres negras: trabalho, serviço social e saúde mental na contemporaneidade

Ministrante: Professora Dra. Elisângela de Jesus Santos

Área de concentração: Serviço Social, Trabalho e Sociedade

Linha de pesquisa: Trabalho, Capitalismo e Processos Sociais

Número de Créditos: 08

Carga horária: 120hs

Ano 2024, segundo semestre

Terças-feiras, quinzenais

Horário: 8h30 às 12h; 13h às 17h30.

Ementa:

Essa disciplina se propõe a pensar o protagonismo de mulheres negras e suas realizações como produção de espaços seguros de ampliação da vivência democrática de nossa sociedade em busca da superação do racismo e sexismo (BICUDO, 2019; COLLINS, 2019; GONZALEZ, 2019; hooks, 2019). Ao caminharmos neste sentido, vamos nos distanciando de uma sociabilidade que reproduz práticas que “reatualizam a captura da existência negra através dos discursos e práticas colonialistas” (PASSOS, 2020, p. 118) para nos aproximar/apropriar de práticas autônomas de geração e manutenção da vida e da saúde. O cuidado, como prática ontológica do ser social é necessário para reprodução da vida, seja própria ou alheia. A perspectiva de cooperação é fundamental para a manutenção biológico-cultural e para o trabalho como prática de (re)produção da existência pessoal e coletiva. Os processos garantidores de fortalecimento das consciências e descolonização dos cérebros (BOAL, 2009; GONZALEZ, 2019; hooks, 2019) que resultam nas práticas de *autocuidado* e *autodefinição* (COLLINS, 2019) são formas de resistência contra-hegemônicas que resultam em trabalho, dada sua materialidade sociohistórica e político-cultural.

Objetivo geral:

Refletir sobre o protagonismo e autocuidado como ação política de mulheres negras, enquanto movimento de mulheres da classe trabalhadora em relação à produção estética contemporânea em diálogo com temas como trabalho e seus sentidos, processos de adoecimento e promoção de saúde mental, enfrentamento do racismo, produção material e subjetiva da vida, além de outros sentidos e práticas.

Objetivos específicos:

- i) Problematicar a noção de opressão encenada a partir da intersecção de gênero, raça e classe sob perspectiva teórico metodológica do feminismo negro contemporâneo;
- ii) Aproximação da perspectiva interdisciplinar e interseccional das discussões sobre ações políticas da classe trabalhadora sob liderança de mulheres negras;

- iii) Propiciar e aperfeiçoar espaços seguros de protagonismo de mulheres negras na contemporaneidade;
- iv) Reposicionar o debate das relações de trabalho e direitos trabalhistas frente ao caráter sócio histórico de vinculação das cor/pas negras às dinâmicas laborais pautadas no escravismo/trabalho não pago e colonialidade das práticas de cuidado;
- v) Desenvolver epistemologia teórico-prática que articule atividades de ensino, pesquisa extensão universitárias;
- vi) Promover o diálogo entre universidade e movimentos sociais locais;
- vii) Estimular o desenvolvimento de habilidades para o trabalho em grupo com diferentes áreas do saber;
- viii) Aplicar conhecimentos específicos diretamente na comunidade local através de ação interdisciplinar das/dos participantes da disciplina;
- ix) Estimular a pesquisa, formação continuada e aprimoramento de políticas públicas;
- x) Contribuir para as ações de curricularização da extensão no âmbito universitário.

Recursos Necessários:

Salas de aula ou espaços alternativos/correlatos nas unidades parceiras em que serão desenvolvidas as atividades/aulas práticas.

Metodologia:

As aulas teóricas e atividades práticas serão realizadas em alternância. As aulas serão ministradas em sala de aula no campus da FCHS (UNESP-Franca). Já as aulas e atividades práticas serão desenvolvidas junto ao Coletivo As Pretas, ao GT Luana Barbosa e ao Conselho da Condição Feminina em horário normal de aula e em datas definidas em conjunto. Além da participação discente, será favorecida a participação de pessoas envolvidas na dinâmica dos movimentos sociais parceiros.

Cronograma de aulas/atividades:

13 e 27/08

10 e 24/09

08 e 22/10

12/11

Avaliação:

A nota final será obtida a partir da participação nas atividades teóricas, práticas e entrega do trabalho final que consistirá na construção e apresentação de um projeto de atuação/intervenção profissional baseado/inspirado no modelo de experiência proposto na disciplina. Os critérios de avaliação também serão discutidos coletivamente entre as/os participantes.

Referências:

ANTUNES, Ricardo. **Os Sentidos do Trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. SP: Boitempo, 2009.

BICUDO, Virgínia Leone. “A mensagem de ‘Roda Viva’”. **Jornal de psicanálise**. vol.52, n.96, pp. 87-98, 2009. [Publicado originalmente na *Revista Brasileira de Psicanálise*, vol. 2, n. 2, 1968]. Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v52n96/v52n96a09.pdf>>. Acesso 15/02/2022.

BOAL, Augusto. **A estética do oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

_____. **Teatro do Oprimido** e outras poéticas políticas. São Paulo: Cosac & Naify, 2013.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento Feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, pp. 313-321.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo, 2019.

_____. **Bem mais que ideias: a interseccionalidade como teoria social crítica**. SP: Boitempo, 2022.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2021.

CRENSHAW, Kimberle. A Interseccionalidade na Discriminação de Raça e Gênero. Cruzamento: Raça e Gênero. In: In: VV.AA. **Cruzamento: raça e gênero**. Brasília: Unifem, 2004.

_____. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. Florianópolis: **Estudos Feministas**, 10(1), 171. 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2002000100011>>. Acesso 11/04/2024.

DAVIS, Angela. **A liberdade é uma luta constante**. São Paulo: Boitempo, 2018.

_____. **Mulheres, Cultura e Política**. São Paulo: Boitempo, 2017.

_____. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

EVARISTO, Conceição. A Escrivência e seus subtextos. In: DUARTE, C; NUNES, I.(orgs.). **Escrivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. RJ: Mina, 2020.

EURICO, Márcia Campos et al. **Questão Racial, Serviço Social e os Desafios Contemporâneos**. Campinas: Papel Social, 2021.

_____. **Antirracismos e Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 2022.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. SP: Elefante, 2004.

_____. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. SP: Elefante, 2019.

FELISBERTO, Fernanda. Escrivência como rota de escrita acadêmica. In: In: DUARTE, Constância Lima, NUNES, Isabella Rosado (orgs.). **Escrivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FREIRE, Mariana F. da Silva Cruz; PASSOS, Rachel Gouveia. **Políticas Públicas, Gênero e Violência: contribuições para o serviço social**. Campinas: Papel Social, 2015.

FONSECA, Dagoberto José. **Políticas Públicas e Ações Afirmativas**. SP: Selo Negro, 2009.

_____. **Professoras Negras: mulheres, acadêmicas e intelectuais**. Curitiba: Brasil Publishing, 2020.

_____. **Um Povo, Duas Nações: Angola e Brasil – o mundo bantu no Atlântico**. SP: Dandara, 2024.

FONSECA, Dagoberto José (org). **As Mentiras do Ocidente**. São Paulo: Selo Negro, 2022.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020 (org. Flávia Rios e Márcia Lima).

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

hooks, bell. **Ensinando a Transgredir: educação como prática da liberdade**. SP: Martins Fontes, 2019.

_____. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. SP: Elefante (2019).

_____. Mulheres negras moldando a teoria feminista. **Revista Brasileira de Ciência Política**. Brasília, n. 16, p. 193-210, 2015. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/mrjHhJLHZtfyHn7Wx4HKm3k/?lang=pt>>. Acesso em 18 abr 2021.

_____. **O Feminismo é para todo mundo**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2008.

- _____. **Olhares Negros: raça e representação.** São Paulo: Elefante, 2019.
- HOGGART, Richard. **As utilizações da cultura:** aspectos da vida da classe trabalhadora, com especiais referências a publicações e divertimentos. Lisboa: Editorial Presença, 1973.
- LORDE, Audre. **Irmã Outsider:** ensaios e conferências. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- LUGONES, Maria. Colonialidad y género. **Tabula Rasa**, n. 09, p. 73-101, 2008. Disponível em: <<https://www.revistatabularasa.org/numero9/05lugones.pdf>> . Acesso 07 out. 2022.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã:** crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846). São Paulo: Boitempo, 2007.
- _____. **Textos.** Volume 1. São Paulo: Edições Sociais, 1975.
- OLIVEIRA, Claudia Simone dos Santos. **Que maluquice é essa? Escrivência Preta-Cênica.** Corporalmente: mulheres negras, saúde mental no Teatro das Oprimidas. Dissertação (Mestrado) em Relações Étnico-Raciais, CEFET/RJ, 2021.
- PASSOS, Rachel Gouveia. Mulheres negras, sofrimento e cuidado colonial. In: **Em Pauta:** Revista da Faculdade de Serviço Social da UERJ. Rio de Janeiro: 2020, n. 45, v.18, pp. 116-129. Dossiê Questão Étnico-Racial e Antirracismo. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/view/47219>. Acesso em 11/04/2024.
- _____. **Teorias e Filosofias do Cuidado: Subsídios Para o Serviço Social.** Campinas: Papel Social, 2018.
- _____. **Trabalho, gênero e saúde mental:** contribuições a profissionalização do cuidado feminino. São Paulo: Cortez, 2018.
- SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência.** SP: Expressão Popular: Perseu Abramo, 2015.
- SANTOS, Bárbara. **Teatro do Oprimido:** raízes e asas; uma teoria da práxis. RJ: Ibis Libris, 2016.
- _____. **Teatro das Oprimidas:** estéticas feministas para poéticas políticas. RJ: Philos, 2019.
- _____. **Percursos estéticos:** imagem, som, ritmo, palavra - abordagens originais sobre o Teatro do Oprimido. São Paulo: Padê Editorial, 2018.
- SANTOS, Elisângela de Jesus. “ENTRE A MENTE E O CORAÇÃO”: ESCRIVIVÊNCIAS NEGRAS EM XENIA (2017). **Revista da ABPN**, [S.l.], v. 13, n. 36, p. 340-360, maio 2021. Disponível em: <<https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1258>> . Acesso em: 15 fev 2022.
- SOUZA, Neusa S. **Tornar-se Negro.** Rio de Janeiro: Graal, 1990.
- Grupo XIX de Teatro. **Hysteria.** São Paulo: Edição do Grupo XIX de Teatro, 2007.

PLANO DE ENSINO DA DISCIPLINA

Disciplina: Memória, saberes e territorialidades: perspectivas de mulheres negras e indígenas

Nome da disciplina em inglês: Memory, knowledge and territorialities

Curso: (X) Mestrado e (X) Doutorado

Docente responsável: Profª Dra. Amanda Cristina Danaga e Profª Dra. Elisângela Santos

Carga Horária Total: 90 horas

Número de créditos Total: 6

Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais

Conteúdo programático:	05/08/24 – Apresentação da proposta da disciplina e roda de conversa com participantes 12/08 - CALLADO, Ana Arruda. Berta Ribeiro – Aos índios, com amor. Rio de Janeiro: Batel, 2016. 19/08 - CALLADO, Ana Arruda. Berta Ribeiro – Aos índios, com amor. Rio de Janeiro: Batel, 2016. 26/08 - BANIWA, Francy Fontes; BANIWA Francisco Luiz Fontes. Umbigo do Mundo. Editora Dantes, 2023. 02/09 - BANIWA, Francy Fontes; BANIWA Francisco Luiz Fontes. Umbigo do Mundo. Editora Dantes, 2023. 09/09 - Atividade Dirigida Participação da docente no Reunião do FOPROP - Regional Centro-Oeste - Brasília. 16/09 - CORREA, Célia Nunes. 2018. O barro, o genipapo e o giz no fazer epistemológico de autoria Xakriabá: reativação da memória por uma educação territorializada. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável) - Universidade de Brasília. 23/09 – Congresso de Ciências Sociais 30/09 - Atividade Dirigida 07/10 - Primo dos Santos Soares, Ana Manoela. 2022. A autoria coletiva e a autoetnografia: experiências em antropologia com as parentas Karipuna do Amapá. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, 17(2), e20210026. 14/10 – LORDE, Audre. Irmã Outsider: ensaios e conferências. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. a) Olho no olho: mulheres negras, ódio e raiva; b) As ferramentas do senhor nunca derrubarão a casa grande; c) A transformação do silêncio em linguagem e ação. 21/10 - LORDE, Audre. Irmã Outsider: ensaios e conferências. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. a) A poesia não é um luxo; b) Idade, classe, raça e sexo: as
-------------------------------	--

PLANO DE ENSINO DA DISCIPLINA

	mulheres redefinem a diferença; c) Os usos da raiva: as mulheres reagem ao racismo. 28/10 – Dia do Servidor público (não haverá aula) 04/11 - OLIVEIRA, C; SANTOS, E. OLIVEIRA, T. “Toma que o espelho é seu!”: artes cênicas e psico/vida em narrativas pessoais de cor/pas negras. In: Raído. v. 14 n. 36 p. 422 - 443 set/dez 2020. 11/11 - OLIVEIRA, Cláudia Simone S. Que Maluquice é essa? Escrivência preta cênica: corporalmente: mulheres negras, saúde mental no Teatro das Oprimidas, 2021. Capítulo 2 – Teatro das Oprimidas: corporalmente e saúde mental (2.3 a 2.7) (Dissertação de Mestrado em Relações Étnico-Raciais). 18/11 - Participação de Cláudia Simone e a metodologia estética das escrituras pretas cênicas 25/11 - PASSOS, Rachel G. “Holocausto ou Navio Negreiro?”: inquietações para a Reforma Psiquiátrica brasileira. In: Argumentum. v. 10, n. 3, p. 10-22, set./dez. 2018. 02/12 - Síntese das discussões e debate; orientações quanto a entrega dos trabalhos finais 09/12 – Avaliação e Encerramento da disciplina (relatos)
Ementa	Memória como conceito antropológico, constructo histórico-social e subjetivo-político; Construção de saberes sob perspectiva das relações de poder na intersecção entre raça, classe e gênero; Redefinição de territorialidades a partir da perspectiva de mulheres negras e indígenas na atualidade.
Bibliografia:	BANIWA, Francy Fontes; BANIWA Francisco Luiz Fontes. Umbigo do Mundo. Editora Dantes, 2023. Complementar: https://sumauma.com/onde-ficam-os-umbigos-do-mundo/ https://selvagemciclo.com.br/comunicacoes/o-nosso-territorio-e-o-mundo-todo/ CALLADO, Ana Arruda. Berta Ribeiro – Aos índios, com amor. Rio de Janeiro: Batel, 2016. CORREA, Célia Nunes. 2018. O barro, o genipapo e o giz no fazer epistemológico de autoria Xakriabá: reativação da memória por uma educação territorializada. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável) - Universidade de Brasília. LORDE, Audre. Irmã Outsider: ensaios e conferências. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. pp.51-55. Disponível em: file:///C:/Users/Elis%C3%A2ngela/Downloads/Audre%20Lorde%20Irm%C3%A3%20Outsider.pdf OLIVEIRA, Cláudia Simone dos Santos. “Que maluquice é essa? Escrivência Preta Cênica: Corpo[ORAL]mente Mulheres Negras, Saúde Mental no Teatro das Oprimidas”. Rio de Janeiro: Philos, 2024. Dissertação de Mestrado disponível em: https://dippg.cefet-rj.br/pprer/attachments/article/81/168_Cla%CC%81udia%20Simone%20dos%20Santos%20Oliveira.pdf OLIVEIRA, C; SANTOS, E. OLIVEIRA, T. “Toma que o espelho é seu!”: artes cênicas e psico/vida em narrativas pessoais de cor/pas negras. In: Raído. v. 14 n. 36 p. 422 - 443 set/dez 2020. Disponível em: https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/11804

PLANO DE ENSINO DA DISCIPLINA

	Primo dos Santos Soares, Ana Manoela. 2022. A autoria coletiva e a autoetnografia: experiências em antropologia com as parentas Karipuna do Amapá. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, 17(2), e20210026. https://doi.org/10.1590/2178-2547-BGOELDI-2021-0026. SANTOS, Antônio Bispo dos. A terra dá, a terra quer. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023. PASSOS, Rachel Gouveia. “Holocausto ou Navio Negroiro?”: inquietações para a Reforma Psiquiátrica brasileira. In: Argumentum. v. 10, n. 3, p. 10-22, set./dez. 2018. Disponível em: https://periodicos.ufes.br/argumentum/article/view/21483 Complementar: Enciclopédia Antropológica: Antônio Bispo dos Santos. Disponível em: https://ea.fflch.usp.br/autor/antonio-bispo-dos-santos PASSOS, Rachel Gouveia. Mulheres negras, sofrimento e cuidado colonial. In: Em Pauta, Rio de Janeiro _ 1o Semestre de 2020 - n. 45, v. 18, p. 116 - 129. Disponível em https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/view/47219/31983. Acesso em 20/04/2023. COLLINS, Patrícia Hill. Pensamento feminista negro. São Paulo: Boitempo, 2019.
Objetivos:	O objetivo principal é acionar e tensionar categorias consolidadas no campo antropológico (memória, saberes e territorialidades) como orientadores de debates contemporâneos. Num segundo aspecto, a disciplina pretende aprofundar a percepção sobre o protagonismo de mulheres negras e indígenas como pensadoras e produtoras de conhecimento na realidade social contemporânea, forjando novas territorialidades.
Critérios de avaliação:	Ao longo do curso será considerada a participação efetiva nas discussões propostas nos encontros presenciais e virtuais. Ao final da disciplina, será exigido trabalho final da disciplina escrito na forma artigo.

8. PROJETO DE EXTENSÃO REALIZADO NO PERÍODO E AINDA EM ANDAMENTO

CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO NA PÓS-GRADUAÇÃO

PROPOSTA

TEMA: A transversalidade das relações de raça/etnia, classe e gênero que perpassam a gestão de políticas públicas

A presente proposta possui aderência aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável - ODS, considerando os aspectos centrais da temática, a transversalidade das relações de raça/etnia, classe e gênero que perpassam diretamente no cotidiano de vida das populações que vivem nos territórios urbanos e que demandam de políticas públicas para garantir o atendimento de necessidades básicas para a vida. Nessa perspectiva, destacam-se os ODS: 3. saúde e bem-estar; 4. educação de qualidade; 5. igualdade de gênero; 10. redução de desigualdades; 11. cidades e comunidades sustentáveis e 17. parcerias e meios de implementação.

Os Programas de Pós-Graduação da FCHS UNESP/Franca, Direito, História, Serviço Social, e o Mestrado Profissional, Planejamento e Análise de Políticas Públicas, apresentam grande potencial na construção de conhecimento científico nas áreas de ciências humanas e sociais aplicadas, o que garante a efetividade da formação de profissionais críticos e competentes, além de garantir ações interdisciplinares, diretas e indiretas, por meio de pesquisadores, docentes e discentes junto à comunidade, contribuindo na promoção do desenvolvimento econômico e social. Esses programas atendem um público de pós-graduandos/as, em nível nacional e internacional, sendo que já formaram mais de 1.500 mestres e mais de 400 doutores.

Embora a extensão não seja uma atividade obrigatória da pós-graduação, esses programas sempre desenvolveram ações extensionistas em parceria com estudantes e docentes da graduação. Desta forma, já possui uma experiência na relação direta com a comunidade local e regional fazendo um intercâmbio de saberes entre a universidade e a comunidade externa, envolvendo práticas indissociáveis aos pilares da Universidade, ensino, pesquisa e extensão. projeto apresentado possibilitará o desenvolvimento de ações pedagógicas e investigativas nos espaços comunitários através de um conjunto de ações socioeducativas, assessoramento profissional jurídico, social e de gestão das instituições públicas e privadas que respondem às diversas expressões da questão socioambiental. Nessa articulação entre discentes, docentes, pesquisadores, profissionais das instituições e população em geral dos bairros selecionados para a realização do projeto, será possível destacar a implementação de práticas que poderão contribuir com o alcance de Objetivos de Desenvolvimento Sustentáveis - ODS, propostos pela ONU, em âmbito internacional. Acredita-se que com as articulações científicas, pedagógicas, investigativas e extensionistas, o projeto poderá proporcionar condições para

maior conscientização das questões de gênero, raça e classe que perpassam as relações sociais nos diversos ambientes organizacionais e, também, que se esbarram na gestão de políticas públicas. Somente o conhecimento crítico poderá contribuir para mudanças e transformações nas relações sociais e provocar sociedades mais justas, democráticas e qualitativas.

OBJETIVOS

Objetivo geral:

Promover a formação profissional, em nível de pós-graduação, efetiva, ética e cidadã, com ênfase no compromisso com a transformação da sociedade, a partir de uma perspectiva crítica sobre a transversalidade das relações de gênero, raça e classe nos processos de gestão de políticas públicas e na vida em sociedade.

Objetivos específicos:

- Estimular o desenvolvimento de habilidades para o trabalho profissional em grupo com diferentes áreas do saber;
- Desenvolver metodologias de ensino através da participação ativa de discentes da pós-graduação em disciplina e atividades de extensão e pesquisa interdisciplinar;
- Aplicar conhecimentos científicos e específicos diretamente na comunidade local através de ação interdisciplinar de discentes matriculados nos programas de pós-graduação em Direito, em História, em Políticas Públicas e em Serviço Social da FCHS - UNESP/Franca;
- Propor e elaborar articulação entre docentes e estudantes de pós-graduação dos quatro Programas de Pós-Graduação da FCHS - UNESP/Franca;
- Desenvolver ações socioeducativas junto às comunidades sobre as temáticas de gestão de políticas públicas e a transversalidade das relações de gênero, raça e classe;
- Contribuir com o assessoramento profissional para associações de moradores de bairro, de equipamentos públicos privados que executam políticas sociais no âmbito municipal e de escolas estaduais e municipais nos aspectos jurídicos, sociais e de gestão;

METODOLOGIA

O projeto será desenvolvido por meio de enfoque participativo, crítico e interdisciplinar visando garantir o envolvimento de estudantes e docentes da pós-graduação de diferentes áreas do saber, contribuindo no avanço da ética, dos direitos humanos e da diversidade na construção do conhecimento científico e na prática profissional nas comunidades.

Para o desenvolvimento do projeto foram selecionadas instituições nas áreas de educação, assistência social e movimento social, situadas em bairros periféricos da cidade de Franca/SP, pois são esses territórios que apresentam maior grau de desigualdades sociais e mais carências de conhecimento científico e tecnológico para a promoção de acesso aos direitos sociais. Essa escolha

considerou a aproximação já existente entre as organizações e a UNESP de Franca. Os equipamentos selecionados são:

- Duas escolas públicas estaduais situadas no bairro Aeroporto da cidade de Franca/SP: Escola Profa. Lydia Rocha e Escola Prof. Sérgio Lessa;
 - Duas Associações de Bairro: Bairro Jardim Portinari (região norte da cidade) e Bairro Jardim Panorama (região leste), ambos situados na periferia da cidade de Franca/SP;
 - Equipamentos de Políticas Públicas Municipais: Secretaria Municipal de Assistência Social e de Educação da cidade de Franca/SP;
- O projeto será desenvolvido por meio de diversas atividades extensionistas, de pesquisas e formação, tais como:

Disciplinas obrigatórias

Público-alvo para as duas disciplinas: discentes dos 4 PPG da FCHS UNESP Franca

Docentes responsáveis: 04 docentes (um de cada Programa de Pós-Graduação)

Número de Vagas para cada disciplina: 30

Local: sala de aula - Bloco I - Campus de Franca

Disciplina 1: Relações de Gênero, raça e classe

Ementa: Análise histórico-crítica dos elementos centrais da questão étnico-racial, de gênero e de classe no Brasil, compreendendo os aspectos históricos da opressão das diferentes populações minoritárias no país, bem como as formas de manifestação do racismo na contemporaneidade.

Carga Horária: 60 horas

Período: 2º semestre de 2025

Disciplina 2: Gestão de Políticas Sociais

Ementa: Concepções teóricas sobre a gestão e administração. Apreensão e análise crítica da Gestão em desenvolvimento no Brasil no âmbito do Estado, do mercado e das organizações da sociedade civil. A relação público e privado, o protagonismo do mercado no desenvolvimento de ações sociais e os desafios da atuação desses setores no enfrentamento da Questão Social.

Carga Horária: 60 horas

Período: 1º semestre de 2025

Oficinas temáticas

Tema 1: Relações de gênero, raça e classe

Público-alvo: estudantes de ensino médio, docentes das escolas de ensino médio, população dos bairros, membros da diretoria das associações de bairro e profissionais de equipamento de política pública.

Carga horária: 60 horas

Período: agosto de 2025 a dezembro de 2026 - encontros quinzenais de 90 minutos cada.

Tema 2: Gestão de Políticas Públicas

Público-alvo: membros da diretoria das associações de moradores de bairro, gestores das escolas e profissionais dos equipamentos de políticas sociais públicas e privadas.

Carga Horária: 60 horas

Período: agosto de 2025 a dezembro de 2026 - encontros quinzenais de 90 minutos cada.

OBS: as oficinas serão realizadas nas sedes das escolas, das associações de moradores e das instituições de políticas públicas.

Assessoramento jurídico, social e de gestão

Responsáveis para realizar o assessoramento: grupos interdisciplinares de discentes da pós-graduação dos PPG da FCHS UNESP Franca.

Metodologia: cada grupo de discentes (composto por aproximadamente 5 estudantes) desenvolverá e acompanhará um segmento da comunidade selecionada para o projeto.

Público-alvo: aos membros de diretoria de associação de moradores de bairro e de gestores de políticas públicas e das escolas estaduais

Carga Horária: 40 horas

Período: maio de 2025 a dezembro de 2026 - encontros quinzenais de 2 horas cada.

Local: Sedes dos Equipamentos escolares, das associações de moradores de bairro e das políticas públicas

Curso de Extensão: Gestão democrática de lideranças comunitárias

Objetivo geral: Oferecer capacitação sobre gestão democrática e participação popular visando promover lideranças fortalecidas para o desenvolvimento social, político e econômico sustentado no respeito às diversidades presentes na realidade das comunidades, no respeito e proteção ao meio ambiente e no desenvolvimento sustentável.

Público-alvo: comunidade acadêmica e externa

Organizadores: docentes e discentes participantes do Projeto

Inscrição: outubro a novembro de 2026

Período de realização: fevereiro a julho de 2027

Seminário de Curricularização da Extensão na Pós-Graduação:

Objetivo: Socializar e avaliar os resultados da experiência do projeto de curricularização da extensão da Pós-Graduação na FCHS UNESP Franca.

Período: Julho de 2027

Público-alvo: comunidade externa e interna à UNESP

RESULTADOS ESPERADOS

O projeto poderá contribuir para o desenvolvimento local e regional por meio do fortalecimento das comunidades, através das ações junto às associações de moradores de bairro, escolas estaduais da cidade e equipamentos públicos e privados de execução de políticas públicas em âmbito municipal. Essa proposta, consegue cumprir a tríade ensino, pesquisa e extensão levando ao município a oportunidade de potencializar a democratização da gestão por meio das comunidades (profissionais e população em geral) fortalecidas e emancipadas. Os resultados poderão apontar impactos sociais importantes na comunidade local, considerando a ampliação do conhecimento sobre a realidade e transversalidade das relações de classe, raça e gênero existente na vida em sociedade, a efetividade da cidadania, o maior acesso da população aos seus direitos, a construção de novas atitudes diante do cuidado com o meio ambiente,

a otimização da gestão das políticas públicas, possibilitando novas relações e garantindo a melhoria na qualidade de vida das pessoas.

CRONOGRAMA DE ATIVIDADES

Relações de gênero, raça e classe no CRAS Nordeste de Franca

Público Específico: 15–20 mulheres negras em situação de vulnerabilidade

Dias: Quartas-feiras da 3ª semana de cada mês

Encontro	Título	Objetivo	Atividades	Local
1º (26/08)	Nosso Lugar de Fala, Nosso Lugar de Força	Construir vínculos, acolher histórias e expectativas do grupo.	Roda de conversa e dinâmica de apresentação coletiva.	CRAS
2º (24/09)	Quem Cuida de Quem Cuida?	Refletir sobre a sobrecarga do cuidado e a importância do autocuidado.	Conversa guiada + escalda-pés coletivo + partilha de experiências sobre cuidados + poemas	CRAS
3º (15/10)	Beleza Negra: Corpos, Turbantes e Identidade	Valorizar estética e identidade negra; discutir padrões de beleza imposto pelo colonizador.	Oficina de turbantes + roda de conversa sobre beleza, ancestralidade e envelhecimento+ seção de fotos.	CRAS
4º (19/11)	Entre Perdas e Recomeços: Resistir e Existir	Trabalhar vivências de perdas e a capacidade de reconstrução.	Roda de conversa + escrita de cartas para si mesmas/ ou dinâmica de + partilha em grupo.	CRAS
5º (17/12)	Ocupando Espaços: Onde Nós Estamos?	Refletir sobre representatividade e presença da mulher negra em diversos espaços.	Debate coletivo + mapeamento simbólico em cartaz + poesia/música de mulheres negras.	CRAS
6º (22/01)	Tecendo Memórias, Construindo Futuro	Celebrar o percurso coletivo, resgatar saberes manuais e registrar memórias.	Oficina com panos + reflexão sobre ancestralidade + encerramento festivo com partilha de alimentos.	SESC

DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins que **Elisângela de Jesus Santos** integra a equipe do Projeto de Extensão intitulado "*A transversalidade das relações de raça/étnica, classe e gênero que perpassa a gestão de políticas públicas*" realizado no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da UNESP de Franca, contemplado no Edital PROPG/PROEC UNESP Nº 18/2024 de Curricularização da Extensão na Pós-Graduação. O referido projeto está em andamento e compreende o biênio 2024-26.

Sem mais para o momento, subscrevo-me.

Franca, 31 de outubro de 2025.

 Documento assinado digitalmente
MARIA JOSE DE OLIVEIRA LIMA
Data: 31/10/2025 15:47:05-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Profa. Dra. Maria José de Oliveira Lima

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação
em Serviço Social UNESP Franca

9. COMENTÁRIOS DO SUPERVISOR

O relatório de pós-doutoramento de Elisângela de Jesus Santos intitulado “PROTAGONISMO DE MULHERES NEGRAS: TRABALHO, SERVIÇO SOCIAL E SAÚDE MENTAL NA CONTEMPORANEIDADE” supervisionado por mim junto ao Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus Franca, demonstrou-se ser uma excelente oportunidade, experiência e cuidado com a triangulação entre ensino, pesquisa e extensão, mas eu não poderia também dizer de gestão de grupo, seja do ponto administrativo-acadêmico, seja do ponto de vista de gestão do tempo, em que muitas pessoas estiveram envolvidas ao longo deste período de 12 meses, entre julho de 2024 a julho de 2025.

Antes de quaisquer comentários adicionais quero emitir os meus sinceros elogios aos idealizadores e as pró-reitorias da UNESP, nomeadamente PROPG/PROPe, pela Chamada Pública para Seleção de Pós-Doutorandos e Ações Afirmativas no Edital 06/2024 e onde esse projeto foi contemplado, pois essa é uma ação política pertinente, inclusiva, responsável e definidora de caminhos para aqueles e aquelas que estão fora das instituições universitárias e de ensino superior e que podem com esse pós-doutorado avançar para além daquilo que estava realizando antes. Oxalá que outros editais como esse possam alcançar mais pessoas e que se tornem uma tradição em ambas as pró-reitorias da UNESP.

Voltando ao relatório do que foi feito, considero que a abordagem etnográfica e com uma perspectiva interdisciplinar e interseccional foi essencial para o bom êxito das atividades relacionadas seja com estudantes de graduação, de pós-graduação e com as comunidades envolvidas em Franca demonstrou a força da universidade pública quando ela resolve sair para o campo da ação concreta a fim de ouvir mais do que falar, ser uma escuta qualificada e ativa das esperanças, das resistências, das existências e das possibilidades a despeito das violências interpessoais que as mulheres negras vivem no seu cotidiano doméstico, seja no que vivem no seu cotidiano institucional nas empresas, nas universidades, etc.

A pós-doutoranda atrelou de maneira interessante e inédita do ponto de vista do Serviço Social em Franca as artes cênicas contemporâneas, com o cuidado como prática laboral de mulheres negras e para tornar mais complexo, mas também mais atual debater, estudar as relações sociais e étnico-raciais vividas por mulheres negras no que tange ser um dos grandes problemas do século 21, isto é a saúde mental, mas sob o prisma teórico-metodológico do Serviço Social e com base nas referências teóricas das Ciências Sociais, em especial da Antropologia das Populações Afro-Brasileiras e da Sociologia

Urbana como tão bem são definidas enquanto áreas da CAPES e do CNPq e, ainda, mesclou com as teorias negra-feministas latino-americanas, brasileiras e estadunidenses com as do teatro popular, do oprimido e das oprimidas.

Para além disso, a pós-doutoranda participou de bancas de pós-graduação, ministrou aulas na graduação, grupos de extensão no período indicado, mas sabemos nós que os vínculos continuam entre a mesma e as professoras e discentes do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, com a cidade e os movimentos sociais de Franca, indicando que aquilo que tem acompanhado o compromisso ético-político do Serviço Social é parte integrante também do cotidiano da pós-doutoranda a medida em que continua com as devolutivas aos segmentos aqui mencionados (universidade, movimentos sociais e a cidade por meio das políticas públicas realizadas pelo poder público local.

Por todo esse conjunto de motivos relatados aqui e por estar acompanhando o desenvolvimento das ações, sou de parecer favorável ao relatório, pois reflete de maneira fiel os acontecimentos em foco.

Prof. Dr. Dagoberto José Fonseca
supervisor da pesquisa